

BASTIDORES DA PRODUÇÃO DA COLEÇÃO BIBLIOTECA DAS MOÇAS. Cíntia da Silva Lang, Pontifícia Católica de São Paulo.

Esta comunicação tem como objetivo apresentar o estudo da organização e composição da Biblioteca das Moças¹, coleção de romances publicada entre 1920 e 1960 pela Companhia Editora Nacional (CEN); a partir das fichas de registro de edição e por meio dos gráficos elaborados durante o trabalho, foram analisadas as décadas que correspondem ao período de publicação da coleção com o intuito de verificar quais obras, autores e quantidade de títulos que foram escolhidos para sua composição. Esta pesquisa é parte integrante de um projeto ainda em desenvolvimento, sobre as práticas da leitura destes romances e suas contribuições para a formação do seu público leitor, sendo uma produção pertencente à história cultural.

Foi durante a Iniciação Científica que conheci as diversas séries-coleções do Departamento Editorial da Companhia Editora Nacional - CEN (este acervo é composto pelos documentos e livros produzidos nos diversos departamentos da Editora ao longo dos seus 80 anos de vida), interessando-me pela Biblioteca das Moças como próximo objeto de estudo.

Entre os papéis do departamento editorial constava um conjunto de cartas das leitoras dessa coleção, que se corresponderam com a editora na década de 1980, destacando a importância que esse conjunto de livros teve na sua formação. Algumas eram professoras e elas ressaltaram a importância da Nacional reeditar a coleção, dando acesso a outras moças, suas próprias netas e filhas, às leituras de que tanto gostaram outrora. As cartas indicam a importância da coleção na formação de pelo menos três gerações de jovens, já que ela circulou entre os anos 1920 e 1960, sem interrupção.

Logo, propus-me a estudar como foi organizada esta coleção entre 1920 e 1960, período que corresponde à publicação das obras e seu retorno em 1980; e as práticas de leitura que estão relacionadas ao caráter formativo inserido nos conteúdos dos romances, verificando a partir da compreensão de como foi organizada a Biblioteca das Moças, as maneiras pelas quais esta coleção passou a ser parte integrante da formação de suas leitoras e como as leitoras utilizaram os romances para complementarem a sua identidade cultural.

¹ O interesse em pesquisar a Biblioteca das Moças surgiu logo após o término da minha Iniciação Científica, desenvolvida entre 2003 e 2005, com bolsa CNPq. Essa Iniciação era vinculada ao projeto “A constituição da ‘forma’ escolar no Brasil: produção, circulação e apropriação de modelos pedagógicos” – coordenado pela Prof.^a Dr.^a Marta Maria Chagas de Carvalho e pela Prof.^a Dr.^a Maria Rita de Almeida Toledo na PUC de São Paulo, cujo subprojeto dedicava-se à organização do acervo documental e bibliográfico da Companhia Editora Nacional (CEN).

Biblioteca das Moças e o mercado editorial

A Biblioteca das Moças começa a ser organizada em um período em que o mercado editorial brasileiro é marcado pela importação de livros estrangeiros, sobretudo, de livros franceses e portugueses, caracterizando o crescimento da literatura nacional impressa em forma de livro, com aparecimento de novos autores e novos títulos, novos gêneros literários – ensaios, sínteses históricas, trabalhos científicos ou de divulgação, traduções etc. – que começam ser publicados pelas editoras brasileiras. A expansão do mercado editorial se dá, não só com a ampliação do interesse pelo livro nacional, mas também pela expansão do mercado em direção a novos leitores, como as mulheres. (TOLEDO, 2001:23)

Segundo Toledo, a modificação do mercado editorial, no início dos anos vinte, em São Paulo, é constatada por um de seus mais importantes jornais *O Estado de S.Paulo*. O jornal promove um inquérito que pretendia verificar o que se lia na cidade de São Paulo. O inquérito pergunta nas mais importantes livrarias da cidade sobre o gosto dos leitores, que livros eram os mais vendidos e como os livreiros caracterizavam o movimento editorial na cidade. Segundo o jornal, o mercado editorial, na década de 1920, estava sofrendo um deslocamento lento em direção à produção nacional. O público começava a procurar autores e obras produzidas no país e os editores começam a publicar algumas novidades em obras brasileiras. (TOLEDO, 2001:22-23)

Toledo aponta que ainda no Inquérito de 1920, o responsável pela Casa Editora “O Livro”, uma das dez livrarias inquiridas em São Paulo, Jacintho Silva, observa que o público feminino paulista começa a crescer e as moças a frequentar as livrarias, comprando e escolhendo os próprios livros. Silva considera que os livros para leitores e leitoras são diferentes e que a coleção “Litterature pour jeune fille” tem uma ótima freguesia, mas de moças, que renomeiam esta literatura como *literatura de água doce*. (TOLEDO, 2001:24)

De acordo com a autora, a conquista dos novos públicos, como o público feminino, como diz Silva, está relacionada com estratégias editoriais que oferecem um conjunto de obras especialmente voltadas para ele, como o da “literatura de água doce”. Os novos leitores procuram publicações identificadas com eles, o que lhes é prescrito e o que lhes é previsto, já acostumados a se identificar com as revistas especializadas, procuram no livro o seu congênere. Logo, entre as estratégias editoriais, as coleções que na década de 20 ainda são tímidas, nos anos 30 vão se intensificar e difundir. Ordenando leitores e leituras, através da montagem das coleções, das mudanças dos formatos, ou da própria especialização da editora, a expansão da indústria inventa o público e enquadra textos e leitores às suas prescrições. (TOLEDO, 2001:24-25)

De acordo com Chartier, a liberdade de escolha dos leitores só poderia ser exercida dentro de um conjunto previamente constituído com base em interesses e preferências que não eram necessariamente os seus. Mesmo se tais preferências não fossem puramente comerciais, eram elas que governavam as decisões de

publicação e determinavam que repertório de textos poderia ser proposto. (CHARTIER, 1999:30)

Assim, como aponta Toledo, as editoras nesse momento, tomam para si o direito de saber ou de entender melhor o gosto do público e de suas necessidades, encomendando aos autores produtos definidos ou enquadrando-os em coleções definidoras do perfil do leitor. (TOLEDO, 2001:24-25)

Toledo cita a fala de Silva sobre o modo como as moças paulistas adquirem seus livros: em vez de buscar um autor ou um título, as moças que começam a freqüentar as livrarias de São Paulo perguntam pelos livros que vão sendo publicados na “Litterature pour jeune fille”. São as próprias editoras que vão inventando a necessidade do público. Obviamente, a invenção das prescrições de leituras e, conseqüentemente do próprio público, não são prerrogativas exclusivas das editoras, cujas representações dos diferentes leitores são compartilhadas por outras práticas culturais de seu tempo, canalizadas na forma de projetos editoriais específicos. (TOLEDO, 2001:28)

Outros fatores que também podem influenciar e determinar a escolha da leitura são: o preço o livro, sua recomendação por autoridades significativas, o circuito de propaganda e divulgação das editoras e livrarias. Toledo cita a recomendação de autores e de títulos apresentada por Lourenço Filho: com relação às autoridades significativas, ele explica que a opção freqüente pela leitura de M.Delly entre as moças das escolas normais, estaria diretamente vinculada às recomendações feitas nos jornais e revistas católicas “como leitura sã” e por “boa parte do clero brasileiro mais preocupado com a leitura das moças do que os próprios pais e educadores, a quem se impunha também esse dever”. (TOLEDO, 2001:29)

Organização do fundo editorial da Biblioteca das Moças

Organizada a partir do fundo editorial da CEN e classificada em função da fatia do mercado ao qual estava destinada, a Biblioteca das Moças como o próprio nome já diz trata-se de uma coleção destinada ao público feminino. Maria Teresa Santos Cunha, em seu trabalho *Educação e sedução – normas, condutas, valores nos romances de M. Delly* (1995), trata como problema principal o estudo dos romances escritos para mulheres, utilizando o texto literário como fonte na qual busca destacar representações de normas, condutas, valores passíveis de educar e seduzir quem os lê. Realiza uma pesquisa sobre o cotidiano escolar de um colégio feminino em Florianópolis entre as décadas de 1920 e 1960, para constatar que a leitura dos romances de M.Delly era uma prática comum entre as alunas; esses romances constavam da ficha de empréstimos da biblioteca e eram catalogados como romances de formação, ocupando as estantes reservadas às normalistas.

A autora aponta que os romances de amor – em particular os franceses – eram a literatura mais largamente consumida entre as mulheres da elite brasileira a partir de meados do século XIX. Para Cunha (1995), houve a importação de um modelo aristocrático notadamente francês para a educação feminina, como ler romances, por exemplo, dispositivos que vão ajudando a constituir culturalmente uma imagem da mulher burguesa.

Apesar da afirmação da autora com relação ao público leitor de M.Delly, compartilho a idéia de Hansen (2005) de que, felizmente, não há correspondência simétrica entre a situação social e o desempenho do leitor: há excelentes leitores de classes populares e leitores burgueses medíocres. As classes sociológicas aplicadas para determinar os condicionamentos sociais do leitor – sexo, faixa etária, origem familiar, profissão, letramento, hábitos etc. – não dão conta da forma particular produzida no ato da leitura literária, que não é apenas semiótica, lingüística, gramatical e retórica, mas principalmente estética, relacionando-se com modelos históricos de definição e experiência de arte e da história apropriados e transformados individualmente. (HANSEN, 2005:21)

Mesmo porque a própria autora se contradiz quando apresenta as formas como estes romances são vendidos no Brasil:

Os romances começam a ser editados na França a partir de 1920, estas obras pertenciam a um casal de irmãos franceses que usavam o pseudônimo de M.Delly. São romances que, aprovados pela Igreja Católica, passaram a ser editados, simultaneamente, em Portugal em uma coleção denominada de Biblioteca das Famílias. Esta coleção chega ao Brasil, importada de Portugal, em 1924. Em edições baratas, vendidas em livrarias e em bancas de jornal, teve grande aceitação, principalmente entre jovens normalistas. Estas obras eram presença constante nas bibliotecas das Escolas Normais, recebiam aprovação de professores e da Igreja para a sua leitura além de serem consideradas romances de família: leitura para senhoras e senhoritas cuja moral cristã seria conveniente preservar. (CUNHA, 1995:39)

A autora aponta que a aceitação foi tão grande que, em 1926, houve a realização do 1º Inquérito sobre Leitura Infantil pela educadora Armanda Álvaro Alberto, da Associação Brasileira de Educação, no qual foram citados os romances de M.Delly como leitura preferencial dos jovens de 15 a 17 anos. (CUNHA, 1995:39)

Sobre a indústria editorial brasileira, José Paulo Paes afirma que só a partir dos anos 30 é que se pode falar a respeito de sua existência e, não por acaso, as décadas de 30 e 40 assistem ao aparecimento das grandes coleções de literatura e de entretenimento: a Biblioteca das Moças, de romances sentimentais editada pela Companhia Editora Nacional, de São Paulo, a partir de 1935. Compostas só de obras traduzidas, principalmente do francês e do inglês, explorando habilidosamente os filões da sentimentalidade, conquistando uma “legião de leitores que assinalam os primórdios da invasão do best-seller estrangeiro, facilitada e estimulada pela

ausência de similares nacionais”, além de chegarem ao Brasil com garantia de sucesso (já se conheciam as traduções portuguesas publicadas na coleção Biblioteca das Famílias) “por já terem passado em seus países de origem pelo teste de popularidade e aqui aportarem aureolados de prestígio publicitário”. (José Paulo Paes apud Cunha, 1995:40)

Para Cunha, os romances da coleção Biblioteca das Moças passam a ser editados no Brasil, ininterruptamente, entre 1935 e 1963 e é ainda M.Delly quem detém o maior número de títulos da coleção – cerca de 30 em um total de 175 – e o maior número de edições. (CUNHA, 1995:40)

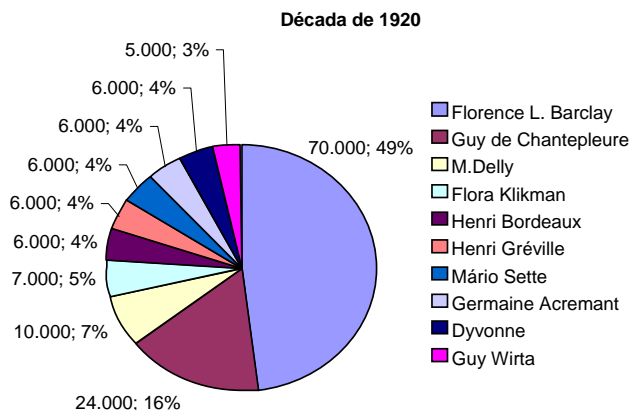
Sobre as informações de José Paulo Paes a respeito do início em 1935 das edições dos romances, realizei uma consulta nas fichas de movimento de edição da CEN e constatei que este dado não corresponde com os levantamentos que realizei, pois, o primeiro romance publicado foi *O Rosário* de Florence L. Barclay em 1926, o que não posso afirmar é se já naquela época esse romance seria identificado como pertencente à Biblioteca das Moças, ou se apenas se tratava de um título pertencente ao fundo editorial que fora publicado; não há uma data identificável para o momento que os títulos foram organizadas e denominados como pertencentes à Biblioteca das Moças, como Cunha apresenta, e nem precisamente a década em que a coleção surgiu; a informação que tenho é que a CEN passou a organizar seu fundo editorial em coleções direcionadas de acordo com seu público leitor a partir de seu primeiro ano de existência e que em 1939, este fundo de edições já estava praticamente inteiro organizado em coleções.

Já que o objetivo da CEN era organizar seu fundo de edições, pois estava preocupada com a escolha dos seus leitores, passou a articular os dispositivos de recomendação, como os preços (barateamento), a propaganda e a definição de cada coleção pelo público que pretendia atingir, logo, fazer a aquisição de diversos romances espalhados por várias livrarias no país para o seu fundo editorial, já que representavam um público garantido, só faltaria organizá-los em uma coleção. Dessa forma que provavelmente foi organizada a **Biblioteca das Moças**: “a mais criteriosa coleção para moças, publicada em nossa língua” (Catálogo da CEN).

O que pude constatar é que os romances foram publicados entre 1926 e 1960 sem qualquer intervalo e que as obras de M.Delly apresentam o maior número de títulos da Coleção, 29, de acordo com a lista da Biblioteca das Moças e as fichas de movimento de edição, em um total de 190 títulos.

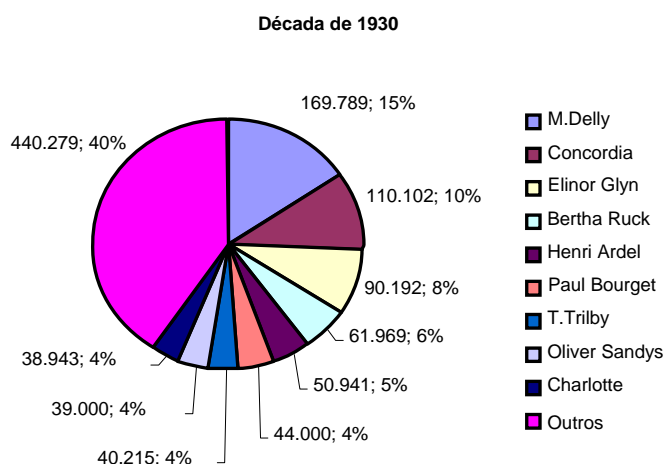
Para melhor entendimento e visualização das publicações realizadas pela CEN dos volumes da Biblioteca das Moças, elaborei gráficos a partir das fichas de movimento de edição utilizando informações como autor, quantidade de obras, ano de publicação; também foram selecionados os dez autores que mais tiveram seus títulos publicados para apresentar a porcentagem que estes títulos apresentam em relação ao total que foi publicado em cada década.

Gráficos elaborados a partir das fichas de Movimento de Edição:



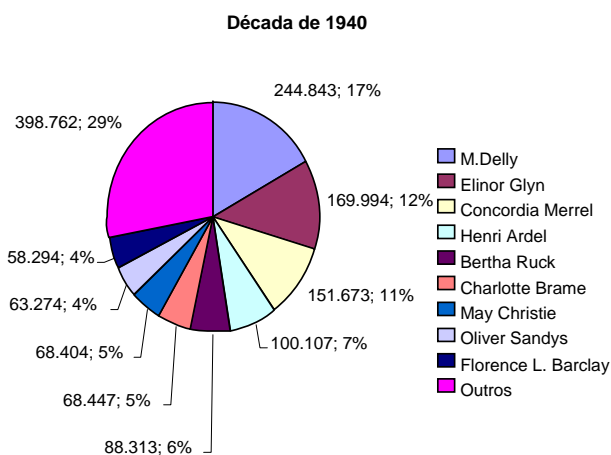
- O primeiro romance publicado foi *O Rosário* de Florence L. Barclay em 1926, foi reeditado três vezes, duas em 1927 e uma em 1929, além de outros seis títulos da mesma autora, três editados em 1927, dois em 1928 e um em 1929, correspondendo a 49% do total das edições na década de 20.

- M.Delly, na década de 20, com os títulos *Magali* e *Freirinha*, permaneceu em terceiro lugar em relação ao total de publicações feitas pela editora nessa década, ambos foram publicados em 1929. Relação que se inverterá a partir das décadas seguintes. Com relação aos demais autores, todos têm os seus títulos publicados em 1928 e 1929.



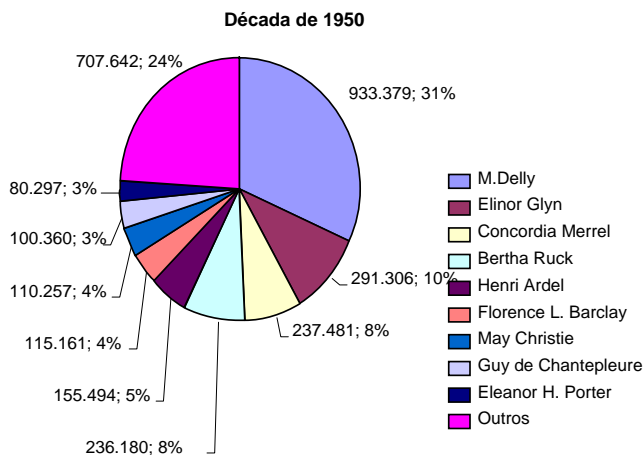
- Como podemos verificar os romances de M.Delly representam 15% do total de edições publicadas na década de 1930, valor que corresponde a mais de 160 mil exemplares do total de romances em 1930. São eles: *Magali*, *Freirinha*, reeditados; *Escrava ou rainha*, *Entre duas almas*, *O rei Kidji*, *Elfrida*, *O fim de uma Valquíria*, *Vencido!*, *Alma em Flor*, *Meu vestido cor do céu*, todos títulos novos.

- Em 1930 são publicados mais de **900 mil exemplares pela CEN.**



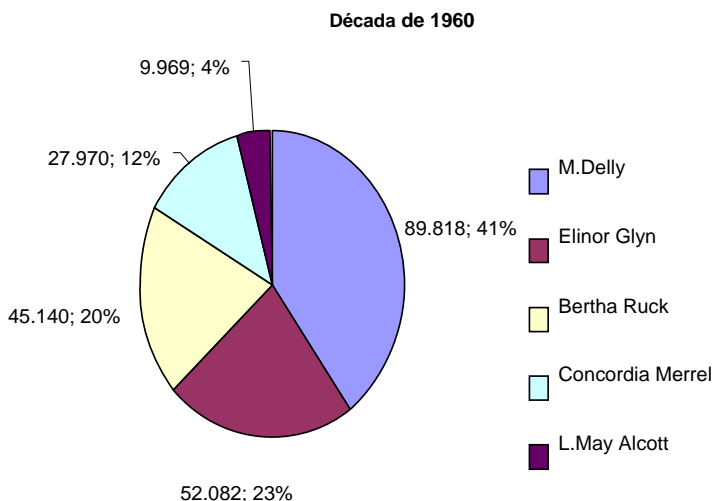
- Em 1940 o número de exemplares publicados aumenta ainda mais, são **1.4 milhão** dispostos de acordo com o gráfico.

- Podemos perceber que o número total de publicações dos títulos de M.Delly representam 17% do total publicado pela editora nesta década, 2% a mais que a década de 1930. São eles: *Magali*, *Freirinha*, *Escrava ou rainha*, *Entre duas almas*, *O rei Kidji*, *Elfrida*, *O fim de uma Valquíria*, *Vencido!*, *Alma em flor*, *Meu vestido cor de céu*, todos reeditados; *Foi o destino*, *No silêncio da noite*, *A casa dos rouxinóis*, *A vingança de Ralph*, todos títulos novos.

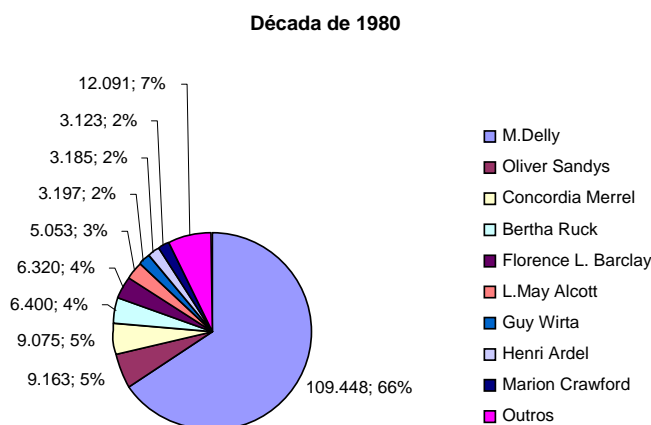


- Em 1950 o número total de publicações duplica em relação à década anterior, são mais de **2,9 milhões de exemplares publicados**.

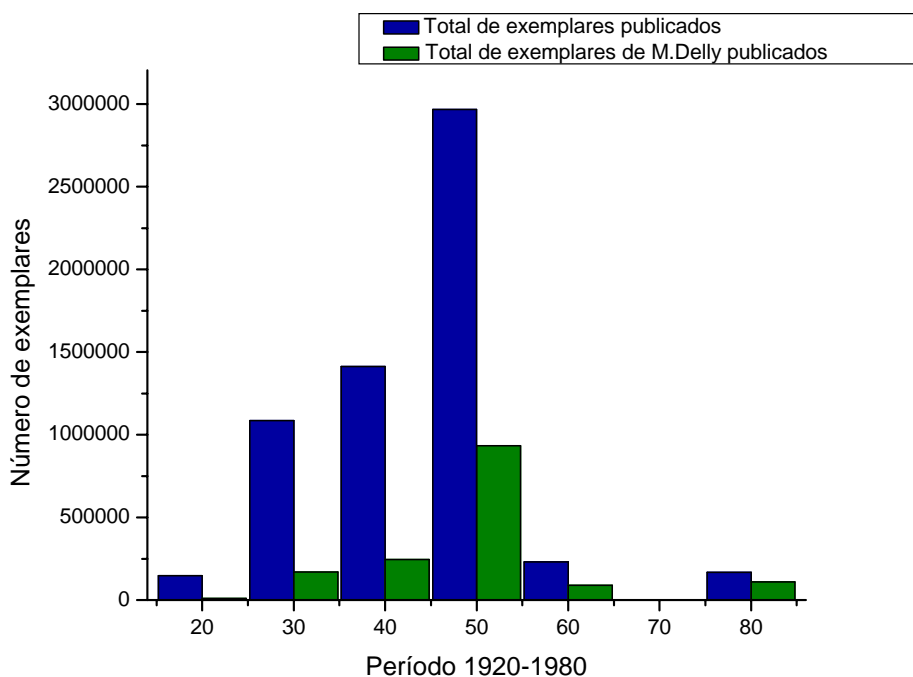
- M.Delly nesta década, assim como o valor total de publicações, alcança o maior número de títulos publicados desde a década de 1920, quantidades que também não ultrapassarão nas décadas seguintes. Só os romances de M.Delly representam mais de 900 mil volumes do total publicado pela editora nesta década entre títulos novos e reedições.



- A década de 1960 caracteriza-se pela queda vertiginosa de publicação, atingindo um pouco mais de **130 mil exemplares**; mesmo assim M.Delly destaca-se representado 41% do total das publicações chegando quase a alcançar 90 mil exemplares publicados entre os seus vários títulos. Neste período **todos os títulos publicados são reedições, não há aquisição de títulos novos**.



- Na década de 1980 a CEN editou mais de **165 mil exemplares**, 30 mil a mais em relação à década de 1960; M.Delly corresponde a **66% do número total publicado deste período**, analisando os títulos publicados podemos concluir que a editora praticamente só reeditou os títulos de M.Delly; sem novos títulos, a partir da década de 1980 a coleção Biblioteca das Moças existe apenas com reedições, logo após este período, não há mais registros de publicação dos seus títulos pela CEN.



Conclusão

A proposta desta comunicação foi apresentar parte do estudo da organização e composição da Biblioteca das Moças, por meio dos gráficos elaborados a partir das fichas de registro de edição, analisando as décadas que corresponderam ao período de publicação da coleção, verificando quais obras, autores e quantidade de títulos que foram escolhidos para sua composição.

Esta pesquisa é parte integrante de um projeto ainda em desenvolvimento, que trata fundamentalmente de duas questões: o estudo da organização e composição da Biblioteca das Moças e das apropriações relativas à formação, cultura e identidade de um conjunto de leitoras desses livros.

Segundo Chartier, para a compreensão das práticas da leitura é necessário levar em conta a produção do texto, a produção do suporte no qual o texto está inscrito e a apropriação dos leitores.

Daí a necessidade de reunir duas perspectivas, freqüentemente separadas: o estudo da maneira como os textos, e os impressos que lhes servem de suporte, organizam a leitura que deles deve ser feita e, por outro lado, a recolha das leituras efectivas, captadas nas confissões individuais ou reconstruídas à escala das comunidades de leitores (CHARTIER, 1988:123-124)

Chartier nos faz pensar na escrita enquanto fixa e na leitura enquanto efêmera. Parte do pressuposto de que o livro, como suporte, sempre objetiva instaurar uma ordem, mas que, ao mesmo tempo, revela significações plurais e móveis porque a recepção (o leitor) pode também inventar, deslocar ou distorcer o sentido. Para o autor, a leitura não está, ainda, inscrita no texto e que não há, portanto, distância pensável entre o sentido que lhe é imposto (por seu autor, pelo seu uso, pela sua crítica, etc.) e a interpretação que pode ser feita por seus leitores; conseqüentemente, um texto só existe se houver um leitor para lhe dar um significado. Chartier nos faz pensar o leitor (receptor), enquanto construtor/produtor de significados do texto a partir de sua condição histórica-cultural.

O autor propõe que o historiador transite por diversas áreas:

O historiador [da leitura] deve poder vincular em um mesmo projeto o estudo da produção, da transmissão e da apropriação dos textos. O que quer dizer manejar ao mesmo tempo a crítica textual, a história do livro e, mais além, do impresso ou do escrito, e a história do público e da recepção (CHARTIER, 1999:18)

Para Chartier, a tarefa do historiador é reconstruir as variações que diferem nos “espaços legíveis” – isto é, os textos nas suas formas discursivas e materiais – e as que governam as circunstâncias de sua “efetuação” – ou seja, as leituras compreendidas como práticas concretas e como procedimentos de interpretação. Dessa forma é possível começarmos a compreender o leitor como sendo aquele que estabelece uma relação aprofundada com a linguagem e as significações. Assim, a partir da análise de Chartier, começaremos a pensar na Biblioteca das Moças como uma coleção que possibilita aos seus leitores oportunidades de interação e possíveis representações dos valores sociais.

Referências Bibliográficas

- CHARTIER, Roger. 1988. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel.
- _____. 1994. *A ordem dos livros*. Tradutor: Mary Del Priore. Brasília: Universidade de Brasília.
- _____. 1999. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: Editora UNESP; Imprensa Oficial.
- _____. 1999. *As revoluções da leitura no Ocidente*. In: ABREU, Márcia. 1999. *Leitura, história e história da leitura*. São Paulo: Mercado das letras: Associação de Leitura do Brasil; FAPESP. (Coleção Histórias de leituras)
- _____. 2001. *Do livro à leitura*. In: *Práticas da Leitura*. Tradutor: Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade.
- CUNHA, Maria Teresa Santos. 1995. *Educação e Sedução. Normas, Condutas, valores de M. Delly*. Tese de doutorado, Faculdade de Educação, da Universidade de São Paulo.
- _____. 1999. *Armadilhas da sedução – os romances de M. Delly*. Belo Horizonte: Autêntica Editora.
- HANSEN, João Adolfo. 2005. *Reorientações no campo da leitura literária*. In: TOLEDO, Maria Rita de Almeida. 2001. *Coleção atualidades pedagógicas: do projeto político ao projeto editorial (1931-1981)*. Tese de doutorado, Departamento de Educação, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Fontes primárias da Companhia Editora Nacional

- Dossiê Biblioteca das Moças
- Propaganda Biblioteca das Moças
- Fichas de Movimento de Edição
- Cartas das leitoras